

ANO 1 • Nº 03
FEVEREIRO • MARÇO • ABRIL / 2016
WWW.PASTORALDACRIANÇA.ORG.BR

REVISTA PASTORAL DA CRIANÇA



PARTO COM DIREITOS

Um olhar mais humanizado sobre o momento do nascer



| Campanha da Fraternidade
Ecumênica 2016 fala sobre
o saneamento básico

| Especialista explica os
prós e contras do uso
da chupeta

| Reunião para Reflexão e
Avaliação: como unir
esforços na comunidade?

EXPEDIENTE

Esta revista é trimestral e de responsabilidade da coordenação nacional da Pastoral da Criança, Organismo de Ação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A Revista Pastoral da Criança também está disponível na internet, no endereço: www.pastoraldacrianca.org.br/revista

Conselho Editorial:

Ir. Vera Lúcia Altoé

Dr. Nelson Arns Neumann

Maria das Graças Silva Gervásio

Jornalistas responsáveis:

Ariene Rodrigues - MTB 7624/PR

Tháís Mocelin - MTB 10572/PR

Projeto Gráfico e Diagramação:

Danilo Oliveira de Araujo

Foto de capa:

Ariene Rodrigues

Projeto EPUB:

Fernando Ribeiro

Diagramação EPUB:

Danilo Oliveira de Araujo

Impresso com apoio do

Ministério da Saúde

Impressão: Gráfica e Editora Posigraf

Tiragem: 150.000 exemplares

Cartas ou artigos para a redação devem ser remetidos para:

Coordenação nacional da Pastoral da Criança

Rua Jacarezinho, 1691 - Mercês

CEP: 80810-900 - Curitiba/PR

E-mail: revista@pastoraldacrianca.org.br

Esta revista não pode ser comercializada.

Os artigos e impressões pessoais nele publicados são de responsabilidade exclusiva de seus autores e comunidades.

PARCEIROS

Para realizar seu serviço em todo o Brasil, a Pastoral da Criança conta com importante apoio de vários parceiros, entre eles:

Parceiros Institucionais:



Associação Nacional de Amigos da Pastoral da Criança (ANAPAC)

- Doações espontâneas efetuadas através de faturas de energia elétrica nos estados: AL, BA, CE, ES, GO, MT, PA, PR, RJ, SC, SE, SP e TO.

Parceiros em Projetos e Programas:



- Unilever • Rede Globo • Fundação Vale

Parceiros Técnicos:



- UNICEF • Fundação Grupo Esquel • Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS • CONASS
- CONASSEMS • USP - Nutrição • SBP
- FEBRASGO • Federação das APAEs

DOAÇÕES

Pastoral da Criança

CNPJ: 00.975.471/0001-15

HSBC

Agência: 0058

Conta: 00053-48

Banco do Brasil

Agência: 1244-0

Conta: 54.806-5

- Outras formas de doação, acessar o link: www.pastoraldacrianca.org.br/doar

ÍNDICE

04 | Mensagem

Nesta edição, em sua mensagem, Ir. Vera Lúcia Altoé faz sua despedida como coordenadora nacional. Ficam os agradecimentos de toda a Família Pastoral da Criança a essa mulher que tanto se dedicou à missão!



Parque Tingui / Curitiba - PR

05 | Reflexão

Você já parou para pensar que o ovo de chocolate não reflete o real significado da Páscoa? Confira a história de Luís Felipe e sua família, que demonstra como eles descobriram o sentido verdadeiro desta data.



Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016

06 | Entrevista

A situação do saneamento básico, um direito da população, é o enfoque da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016, que tem como tema "*Casa Comum, nossa responsabilidade*". Confira a entrevista com Édison Carlos, presidente do Instituto Trata Brasil, parceiro da Pastoral da Criança.



08 | Chupeta: mocinha ou vilã?

10 | Prestação de contas

12 | Um olhar mais humanizado sobre o momento do nascer

Em sua região, todos os direitos das mulheres durante o trabalho de parto são cumpridos? Apesar das leis e orientações do Ministério da Saúde, infelizmente, em muitos locais, a vontade da mãe nem sempre é respeitada. Para mudar isso, o primeiro passo é conhecer bem quais são esses direitos e sua importância para a saúde da mãe e do bebê.



Cruzeiro do Norte - PE

20 | Espaço das Comunidades

23 | RRA: como é na sua comunidade?

Esta edição traz alguns exemplos e ideias de como aproveitar as possibilidades deste momento, de unir forças para pensar no melhor para as crianças, gestantes e famílias.

26 | Comida de verdade, no campo e na cidade

30 | Desenvolvimento infantil

31 | Fique por dentro



I Mensagem

Uma escolha e um jeito de servir!

“Não deixemos nunca que roubem a alegria de nosso trabalho pastoral”
(Papa Francisco).



Foto: Ariene Rodrigues

Ir. Veneranda Alencar e Ir. Vera Lúcia Altoé

É sempre uma grande alegria poder chegar até vocês para partilhar a bela missão de levar vida em abundância para nossas famílias, gestantes e crianças. O Papa Francisco nos lembra algo muito importante: *“Jesus é o primeiro e o maior evangelizador”*. Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis nos chamar para cooperar com Ele e nos impelir com a força do seu espírito (EG, nº 12).

Desde o início da Pastoral da Criança, Dra. Zilda teve muito claro que esta é uma obra de Deus, tanto que persiste há mais de 30 anos. Isto nos dá mais segurança e entusiasmo para continuar, mesmo em meio às situações tão desafiadoras.

Boas-vindas e meus agradecimentos!

Como vocês sabem, a Pastoral da Criança tem uma nova coordenadora nacional, a Ir. Veneranda Alencar (Congregação das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha), para continuar o serviço de proporcionar a todos os líderes as condições necessárias para desenvolverem a sua missão tão bonita. Gostaria de saudá-la e acolhê-la com muito carinho, rezando ao Deus da Vida que a acompanhe em sua caminhada.

Agradeço, do fundo do meu coração, a doação de vocês. Quanta dedicação vocês demonstram! Quantos momentos difíceis superados e desafios vencidos! Quantas horas dedicadas às famílias acompanhadas, às vezes, com tantos problemas que precisam muito de nosso apoio. Diante de tudo isso, me coloco de joelhos e agradeço ao nosso Pai, juntamente com Maria, nossa Mãe.

Nunca deixemos que o desânimo tome conta de nós. Todas as desculpas para deixarmos as nossas atividades não valem a alegria de fazer parte da vida do próximo. Volta a nos dizer o Papa Francisco: *“Cada um é imensamente sagrado e merece o nosso afeto e a nossa dedicação. Por isso, se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida”* (EG, nº 274).

Às coordenações, em seus vários níveis, quero manifestar meu agradecimento e incentivo para que continuem a lutar pela vida digna de nossas gestantes e crianças.

Que Deus acompanhe sempre a todos nós. Rezem por mim, estarei pelas terras do Mato Grosso e aguardo uma visita de vocês.

Um grande abraço, fraterno e afetuoso. ■

Ir. Vera Lúcia Altoé

Ir. Vera Lúcia Altoé nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo (ES) e faz parte da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição (Irmãs Azuis). Há vários anos vem contribuindo com a missão da Pastoral da Criança. Atuou como coordenadora arquidiocesana em Cuiabá, coordenadora do Estado do Mato Grosso (MT), secretária do Conselho Diretor e ficou os últimos oito anos à frente da coordenação nacional, em Curitiba (PR). Continuará colaborando com a missão pastoral, como secretária do novo Conselho Diretor.

Luís Felipe e sua família

Luís Felipe viu seu pai chegar do trabalho trazendo um grande ovo de Páscoa, um prêmio de reconhecimento do funcionário pela produção e pelo comportamento, entregue a ele, com muitos aplausos.

Família numerosa, o pai resolveu usar o grande ovo para promover uma competição entre os filhos: ganharia aquele que comprovasse, naquela semana, melhores notas, bom comportamento e obediência. “Obaaa!” – disseram as crianças. Só Luiz Felipe, o mais velho, não achou boa a ideia. E tinha suas razões.

No encontro de Crisma, o assunto era Ressurreição de Cristo. A catequista fez Luís Felipe lembrar-se do ovo, quando explicou o significado de cada um dos símbolos da Páscoa: o ovo representava a Vida que irrompe do Sepulcro. Falou que o comércio havia corrompido o sentido da Páscoa e que a Semana Santa acabara se tornando apenas um “feriadão” para viajar, esquecendo-se todos de que os dias santos são para contemplar o sofrimento de Cristo que, embora inocente, sofreu calado, para salvar a todos da morte. O jovem sentiu-se identificado com Cristo. Na escola, tentando defender um colega para tirá-lo de uma briga, acabara recebendo uma suspensão e uma advertência que não merecia. Certamente não ganharia o ovo de chocolate...

Ao chegar em casa, Luís Felipe comentou o assunto da catequese, o sentido da Semana Santa, da Paixão e da Ressurreição. E expôs a sua visão sobre o episódio do ovo: *“Na sociedade, pai, os bens não são repartidos. É como na loteria: todos concorrem e poucos ganham. Numa família, não deve haver competição, mas partilha. O sacrifício de um, beneficia a todos. Proponho que o ovo não seja dado a um dos irmãos, mas que seja repartido”*. Sua irmã sugeriu que tirassem da sala os enfeites de coelhos e se colocasse no centro da sala uma imagem do cordeiro e uma vela Pascal, que seria acesa quando a família se reunisse para rezar e repartir o chocolate. Mas a melhor ideia foi do mais novo: *“Vamos repartir o nosso ovo de Páscoa com as crianças do abrigo. Elas não têm uma família e nem doces para festejar a Páscoa”*. E fizeram isso de fato.

No seguinte encontro dos crismandos, Luís Felipe estava feliz: contou que participaram da Vigília Pascal e que levaram às crianças do abrigo um pouco de carinho, alguns brinquedos e o grande ovo, devorado em poucos instantes. O sorriso delas fez Luís Felipe e seus irmãos acreditarem que o mundo pode se tornar uma grande família, onde todos compartilhem a vida e a alegria. Isso é Páscoa. A catequista passou então a todo o grupo o desafio: o que você pode fazer para que a Páscoa se torne um acontecimento de hoje? ■



Ilustração: Freepik.com e Bruna Corso

Dom João Bosco, OFM
Bispo de Osasco (SP) e presidente da
Comissão Episcopal da CNBB para a Vida e Família

Casa comum, nossa responsabilidade

Foto: Instituto Trata Brasil



Édison Carlos

Compreender a importância do saneamento básico na vida da população, e buscar fazer dele um direito acessível e real a todos, é a proposta da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016, que traz como tema “*Casa Comum, nossa responsabilidade*”, e lema “*Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca*” (Am 5, 24), deixando claro que é obrigação de todos – sociedade, empresas públicas e privadas e dos governos – a preocupação com estas questões. Para esclarecer como cada um pode fazer sua parte, a Revista Pastoral da Criança conversou com o presidente do Instituto Trata Brasil, Édison Carlos.

A Campanha da Fraternidade 2016 é ecumênica, envolvendo diversas igrejas cristãs, e quer contar com a colaboração de outras organizações da sociedade, como o Instituto Trata Brasil. Como as diferentes entidades podem colaborar para construir um cenário mais favorável para o saneamento no país?

O Trata Brasil já está colaborando, fazendo palestras para os Regionais da Conferências Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) por todo o país, explicando a situação do saneamento básico no Brasil, as consequências da falta de água tratada, coleta e tratamento de esgotos para o meio ambiente e para a saúde da população, sobretudo com doenças que atingem mais as crianças pequenas. Penso que ***cada entidade tem que ajudar com a especialidade que possui***, pois é da soma dessas especialidades que podemos ajudar a conscientizar mais pessoas.

A falta de saneamento básico está intimamente ligada a problemas de saúde. E as crianças são as principais vítimas de toda essa situação. Apesar de ter diminuído muito a mortalidade infantil – hoje o índice é de 15,6 a cada mil crianças nascidas vivas (IBGE 2010) – o Brasil continua atrás de países vizinhos, como Uruguai, Argentina e Chile.

Como é possível mudar a realidade das crianças que vivem em locais sem o mínimo de saneamento e diminuir ainda mais o índice de mortalidade infantil brasileiro?

São vários os fatores que impactam a mortalidade infantil, mas é conhecida em todo o mundo a estreita relação da falta de saneamento adequado com os altos índices de mortalidade em crianças. A redução da pobreza no Brasil tem contribuído muito para a queda nos índices, mas a lentidão do saneamento faz com que o Brasil se mantenha longe dos países mais desenvolvidos socialmente. É preciso que o saneamento seja foco principal do governo federal, mas especialmente de prefeitos e governadores, principalmente nas regiões Norte e grande parte do Nordeste, onde a lentidão dos avanços é mais acentuada.

No Brasil, menos de 50% da população tem acesso à coleta de esgoto e 35 milhões de brasileiros não têm acesso à água tratada. Como mudar essa situação?

A mudança passa por formarmos cidadãos mais informados sobre o problema e fazermos cobranças mais fortes às nossas autoridades. Atualmente, são poucas as comunidades que lutam para ter direito ao saneamento básico, que é a mais essencial das infraestruturas de um bairro ou cidade. Ao mesmo tempo, temos que cobrar mais envolvimento dos prefeitos, governadores e governo federal, com mais recursos para as obras e fiscalização nas empresas. Poucas pessoas sabem que a falta de saneamento reduz o valor de nossas casas, atrapalha o turismo, reduz as horas de trabalho das famílias, entre muitas outras consequências.

O tema proposto, “Casa Comum, nossa responsabilidade”, deixa claro que a responsabilidade não é apenas de um, mas de todos, incluindo poder público e população. De que maneira cada um pode atuar para que esse compromisso seja assumido por todos os grupos da sociedade?

O brasileiro tem por cultura ser muito individualista e pouco se importar com os problemas coletivos. No caso dos serviços de água tratada, coleta e tratamento dos esgotos é comum vermos que cidadãos que moram onde existem os serviços pouco se importam com bairros ao lado que nada possuem. **Precisamos ser mais atentos e solidários, pois os impactos da falta de saneamento vêm para todos, especialmente a poluição e as doenças.** Podemos fazer uma associação com o mosquito da dengue: podemos fazer tudo certo em nossa casa, mas se o vizinho não fizer, o mosquito se prolifera e o problema pode chegar a nossa família. Se a cidade onde moro, ou o bairro ao lado, não tiver acesso aos serviços, é certo que os impactos chegarão a mim também.



Imagem: Divulgação / www.comic.com.br

Como os voluntários da Pastoral da Criança e de outras entidades podem se engajar em um movimento de mudança para o saneamento que queremos para o Brasil?

Falando com as pessoas, informando e mostrando formas de mudar essa realidade. Precisamos aprender a usar todos os canais de cobrança: juntar os vizinhos, fazer abaixo-assinado, cobrar a prefeitura, a empresa de água e esgotos, a imprensa, o Ministério Público, a Defensoria Pública, etc. ■

Édison Carlos é Presidente Executivo do Instituto Trata Brasil. Químico industrial, o executivo é pós-graduado em Comunicação Estratégica, já tendo atuado nas áreas de tratamento de águas e efluentes. Em 2012, Édison Carlos recebeu o prêmio “Faz Diferença – Personalidade do Ano” do Jornal O Globo – categoria “Revista Amanhã” que premia quem mais se destacou na área da Sustentabilidade em todo o país.



Leia essa entrevista completa, com mais informações sobre legislação e pesquisas, no site da Pastoral da Criança:

www.pastoraldacrianca.org.br/casa-comum-nossa-responsabilidade

Chupeta: mocinha ou vilã?



Foto: Freeimages.com / Chris Childsey

A cena é clássica. A criança começa a chorar e automaticamente alguém fala: *“Dá a chupeta pra esse menino que ele para logo”*. E normalmente dá certo. Talvez por conta disso é que a chupeta tomou-se a melhor amiga de muitos pais. Bastou uma ameaça de choro que lá está ela, colorida e agradável para acalmar os bebês – e, em alguns casos, até crianças um pouco mais crescidas. Quem não tem aquele primo que carregava o bico até pouco antes de entrar na escola?

A explicação é simples: a sucção, nos primeiros seis meses de vida, é importante para o bebê para que ele se sinta confortável. Para ele, sucção significa alimentação, bem-estar e proteção. Já percebeu que muitas crianças adormecem após serem amamentadas no peito? Outras vezes, elas continuam sugando o peito da mãe mesmo na ausência do leite. É instintivo. A sucção acalma o bebê, por isso ele se sente bem com a chupeta. Por outro lado, há quem condene o uso do item por considerar que ele traz mais prejuízos que ganhos para os pequenos.

Benefícios: Mas afinal, a chupeta é mocinha ou vilã? Depende. Para a dentista e professora doutora Andreia Morales Cascaes, é preciso analisar a questão com cuidado. “Embora a maioria dos estudos demonstrem que o uso da chupeta não deve ser indicado devido aos inúmeros prejuízos que pode ocasionar na criança, seu uso nos primeiros meses de vida pode ser benéfico em algumas situações”, afirma. Mas quais seriam essas situações? Segundo a profissional, a chupeta pode auxiliar bebês prematuros, por exemplo, que estejam com dificuldades de mamar no peito ou mamadeira. Ela serviria como um “treino” para que o bebê aprenda a sugar.

Andreia afirma que cada caso deve ser examinado individualmente. O ideal mesmo é orientar o aleitamento materno. Há evidências que a amamentação do peito ajuda a prevenir malformações nos dentes e nos ossos da boca, para além dos benefícios da saúde da criança de uma maneira geral. “Quando as crianças são amamentadas no peito, a musculatura e os ossos da face são estimulados a se desenvolver de forma adequada, permitindo que os dentes nasçam em uma posição correta”. Entretanto, todos os benefícios promovidos pelo aleitamento materno na dentição podem ser reduzidos, ou até mesmo perdidos, “dependendo da frequência, intensidade e duração do uso da chupeta”, aponta a dentista.

Uso errado: Quando o bebê continua sugando mesmo com a ausência do leite, conforme citado acima, a chupeta pode ser uma opção. “Nessas situações, a mãe pode dar a chupeta por alguns minutos para satisfazer essa necessidade e em seguida retirá-la”, explica Andreia. Entretanto, o ideal é que, se a chupeta for usada, não seja por um período prolongado, “como, por exemplo, durante três anos ou mais”, diz a dentista.

Se utilizada adequadamente, a chupeta pode trazer benefícios. O erro está em oferecer a chupeta

para dormir a noite toda ou usá-la de forma contínua e prolongada durante a infância. “O problema está quando os pais utilizam a chupeta de forma frequente, como um método artificial para lidar com o comportamento da criança”, lembra Andreia. Para ela, não é apenas a criança que deve ser educada sobre como utilizar o item, mas sim os pais, já que sua utilização tornou-se cultural no Brasil. “É mais fácil atuar de forma preventiva, orientando os pais sobre quando e como oferecer a chupeta do que atuar na remoção do hábito”.

O que dizem os estudos

Formada em Odontologia, com mestrado em Saúde Pública e doutorado em Epidemiologia, a professora da Universidade Federal de Pelotas, Andreia Morales Cascaes, indica que é preciso analisar cada caso para indicar a utilização da chupeta. Veja outras opiniões da profissional.

Revista Pastoral da Criança: Quais são os principais estudos que analisam o impacto do uso da chupeta na infância e o que eles demonstram?

Andreia: Diversos estudos demonstram que o uso prolongado de chupeta na infância está associado a consequências nocivas ao desenvolvimento da criança, como alterações na oclusão dos dentes (problemas de posicionamento) e desenvolvimento de ossos da boca, respiração bucal, desenvolvimento de funções anormais da língua durante a deglutição (funções diferentes da língua ao engolir alimentos), fala e prejuízos na postura corporal. Outros estudos indicam que crianças que usam a chupeta durante os primeiros meses de vida têm uma chance maior de parar de mamar no peito antes de completar seis meses de idade (amamentação exclusiva), ou antes de completar dois anos de idade (amamentação prolongada). Já os estudos sobre a relação entre uso de chupeta e a ocorrência de infecções são inconclusivos, ou seja, não há evidências de que usar chupeta aumente a chance de ocorrer infecções na criança. Por outro lado, há estudos mostrando que crianças que usam chupeta têm uma chance menor de sofrerem da síndrome da morte súbita na infância, um fenômeno que leva os bebês à morte durante o sono. Contudo, esta síndrome é muito rara e pode ter outras causas ainda não conhecidas, as quais podem estar mascarando o aparente efeito benéfico da chupeta. Para prevenir morte súbita, outras providências, como colocar o bebê para dormir de barriga para cima e não fumar no ambiente que a criança dorme, são métodos mais efetivos.

Revista Pastoral da Criança: Além dos dentistas, que outros profissionais estudam este impacto do uso da chupeta?

Andreia: O efeito do uso de chupeta na saúde das crianças é de interesse de todos os profissionais de saúde, uma vez que a atenção em saúde da criança deve ser vista de forma integral e integrada. Um problema de desenvolvimento dos ossos da boca e dos dentes causado pelo uso prolongado da chupeta, por exemplo, poderá acarretar outros problemas de saúde, como respiração bucal, problemas na fala e postura, os quais para serem resolvidos necessitam do auxílio de outros profissionais de saúde, como médicos, fonoaudiologistas e até mesmo psicólogos, os quais poderão auxiliar na retirada do hábito por meio de abordagens comportamentais.

Revista Pastoral da Criança: A partir destas diferentes posições, o que a senhora recomenda?

Andreia: Todos os profissionais de saúde devem estar atentos e reforçar as recomendações sobre a importância da amamentação materna exclusiva e conscientizar os pais sobre as consequências do uso prolongado e frequente da chupeta. Situações específicas deverão ser analisadas individualmente. A detenção de conhecimentos nem sempre é suficiente para modificar um comportamento, ainda mais se tratando de algo associado a questões socioculturais, como é o caso do uso da chupeta. Mas é mais fácil atuar de forma preventiva, orientando os pais sobre quando e como oferecer a chupeta, do que atuar na remoção do hábito. Caso o hábito esteja instalado, os profissionais de saúde devem orientar os pais sobre as consequências atuais e futuras do uso prolongado e frequente da chupeta, estimulando-os a realizar a remoção da chupeta de forma gradual e respeitando a individualidade da criança, a qual deve ser motivada a abandoná-la de forma positiva. ■

I Prestação de contas

De todos os nossos valores, o maior é você, líder

Entre os muitos pontos fortes da Pastoral da Criança, está a credibilidade conquistada ao longo dos anos, tanto em relação à sociedade como um todo, quanto aos parceiros que contribuem com a missão de levar vida plena para todas as crianças. Parte disso tem a ver com o acompanhamento dos resultados conquistados nas comunidades e com a transparência na prestação de contas. Para isso, e no cumprimento das prescrições legais e estatutárias, anualmente, as demonstrações contábeis são submetidas à auditoria independente e publicadas em material de grande circulação nacional e na internet.

Entre os dias 16 e 20 de novembro de 2015, em Curitiba, aconteceu a 21ª Assembleia Geral da Pastoral da Criança, com representantes dos 26 Estados e do Distrito Federal, do Conselho Diretor, do Conselho Econômico e da Coordenação Nacional. Foram momentos muito proveitosos de troca de experiências, demonstração dos resultados e planejamento para os anos seguintes. Como parte da programação, estava a apresentação e aprovação da prestação de contas.

Os gráficos destas páginas são referentes às informações financeiras da Pastoral da Criança, aprovadas pela Assembleia Geral, referentes ao exercício entre 1º de outubro de 2014 e 30 de setembro de 2015.

Gráfico de aplicação dos recursos financeiros

Este gráfico demonstra o custo mensal por criança acompanhada pela Pastoral da Criança, em relação ao total de recursos disponíveis no período. Segundo dados do 2º trimestre de 2014, a instituição acompanhou, mensalmente, em todo o Brasil, 1.103.229 crianças menores de 6 anos. Considerando o total de gastos no exercício, no valor de R\$ 29.034.044,32, o custo mensal ficou em R\$ 2,19 por criança acompanhada.

Considera-se que este valor só é possível devido à ação voluntária de milhares de líderes, pessoas de apoio e, também, pelas estruturas locais que as Igrejas e as comunidades oferecem gratuitamente para que as ações possam acontecer. Mais uma vez, fica o agradecimento às milhares de pessoas que tomam possível essa obra tão grandiosa.

Gráfico de fontes de recursos

Esta demonstração tem por objetivo quantificar o apoio gerado com o voluntariado, demonstrar a contrapartida deste trabalho e os recursos não monetários, em relação ao volume dos recursos financeiros investidos pelas fontes financiadoras.

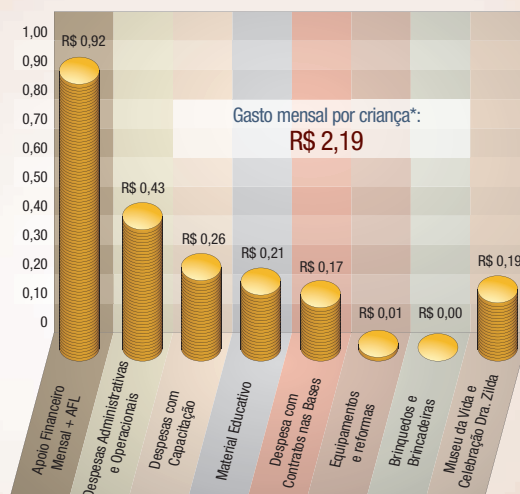
De acordo com estes cálculos, o valor estimado do voluntariado e o volume de recursos monetários e não monetários utilizados para o trabalho foi de R\$ 203.212.013, representados por: R\$ 157.065.530 em voluntariado e recursos não monetários; e R\$ 46.146.483 em recursos financeiros arrecadados por meio de convênios, doações e parcerias.

Isso significa que, para cada R\$ 1,00 investido por um financiador público ou privado, o trabalho voluntário dos líderes e os recursos não monetários contribuem com o equivalente a R\$ 3,40.

Que este trabalho continue fortalecendo as parcerias e a relação de confiança com os diferentes setores da sociedade brasileira e internacional.

Aplicação dos recursos financeiros por criança/mês

01/10/14 a 30/09/15: R\$ 29.034.044,32



(1) Refere-se ao valor total de despesas realizadas pela Pastoral da Criança no exercício, incluindo investimentos no Museu da Vida e custos com a Celebração Dra. Zilda - Vida Plena para todas as crianças.

(2) No exercício 2014, o custo mensal foi de R\$ 2,31, para gasto anual de R\$ 33.809.379,67.

*O gasto mensal por criança é obtido pelo cálculo: R\$ 29.034.044,32 (custos) / 1.103.229 (crianças acompanhadas 2º Trim/2015) / 12 meses = R\$ 2,19

Fonte: Demonstrações Financeiras aprovadas pela Assembleia Geral 2015

Fontes de recursos

01/10/2014 a 30/09/2015



Em voluntariado e recursos não monetários: R\$ 157.065.530

Financeiro: R\$ 45.238.061

Outras fontes de recursos R\$ 908.422

Total: R\$ 203.212.013

(1) Voluntariado, considerando valores mínimos mensais de R\$ 95 por Líder (24 h/mês); R\$ 16 por pessoa da Equipe (4 h/mês); R\$ 254 por Coordenador de Ramo (64 h/mês); R\$ 476 por Coordenador de Setor (120 h/mês); R\$ 794 por Coordenador de Estado (200 h/mês). Base: Salário Mínimo Nacional (R\$788), Conselho Diretor (10h/mês). Base: Salário médio (R\$4.280).

(2) Recursos financeiros captados pelas Associações de Amigos da Pastoral da Criança (Nacional e 4 Locais). Exercício 2014.

(3) Valor da cessão de imóvel para a Sede da Coordenação Nacional pelo Estado do Paraná, conforme avaliação nº 017299 CRECI PR. Não foi possível estimar o valor de locais cedidos para as atividades da Pastoral da Criança em 3.860 municípios, pela Igreja e outras entidades.

(4) Usuários das companhias de energia dos estados de: AL, BA, CE, ES, GO, MT, PA, PR, RJ, SC, SE, SP e TO.

Fonte: Demonstrações Financeiras aprovadas pela Assembleia Geral 2015



As demonstrações contábeis na íntegra, bem como o relatório dos auditores independentes, Conselho Econômico e Conselho Fiscal, podem ser consultados no Portal da Transparência: wiki.pastoraldacrianca.org.br/PortalTransparencia E também no site: www.pastoraldacrianca.org.br/financeiro

Um olhar mais humanizado sobre o momento do nascer



Foto: iStok.com / molka

O obstetra francês Michel Odent afirmou que *“para mudar o mundo, é preciso mudar a forma de nascer”*. 40 anos se passaram desde que ele escreveu a frase em seu primeiro livro, mas ela continua sendo atual, especialmente no Brasil. Aqui, o número de nascimentos a partir de cesarianas é de mais de 50%. Episiotomia (corte entre a vagina e o ânus) ainda é um procedimento de rotina. A manobra de Kristeller - quando um profissional de saúde empurra a barriga da mãe para acelerar a descida do bebê

- acontece em 36% dos partos normais; e parir deitada de barriga para cima ultrapassa os 90%. Essas técnicas, quando aplicadas sem real necessidade, são consideradas violações aos direitos das mulheres em trabalho de parto pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Estes dados são da pesquisa *Nascer no Brasil*, realizada pela Escola Nacional de Saúde Pública – Fiocruz, que traçou um perfil do nascimento das crianças brasileiras. Lançada em 2014, o que chama a atenção na pesquisa

é que os direitos das mulheres gestantes têm sido constantemente desrespeitados durante o parto. E não somente nessa hora, mas também antes dele. A pesquisa, que entrevistou mais de 20 mil mulheres em maternidades e hospitais de todo o país, revelou que 70% das mulheres entrevistadas tinham o parto normal como primeira opção no início da gravidez, mas isso foi mudando ao longo da gestação. Na rede particular, onde 88% dos partos acontece por cesariana, apenas 15% daquelas que estavam na primeira gestação foram apoiadas quando falaram que desejavam um parto normal. O que acontece com as gestantes para elas mudarem de opinião e preferirem a cesárea? No estudo, o médico João Paulo Souza responde que entre as causas estão: *“o protagonismo dos obstetras na assistência ao parto, as armadilhas do sistema de*

saúde que tornam a cesárea mais conveniente para muitos profissionais e a percepção de considerável parcela da população sobre uma possível superioridade dessa via de parto”.

Falta um olhar mais humano a quem está ali parindo e também com quem está chegando ao mundo. Intervenções, que para os médicos são rotina, podem significar sofrimento de um momento que deveria ser de apenas alegria. *“Eu tenho vergonha de falar de humanização para profissionais de saúde”*, afirma a enfermeira obstétrica Karen Estevam Rangel – que atua na Maternidade Bairro Novo, em Curitiba, primeira maternidade pública da capital paranaense quando se fala em parto humanizado. Para a enfermeira, se o parto ocorre de maneira normal, sem riscos, *“é a equipe profissional que tem que se adaptar ao parto, e não a mãe aos protocolos da equipe”.*

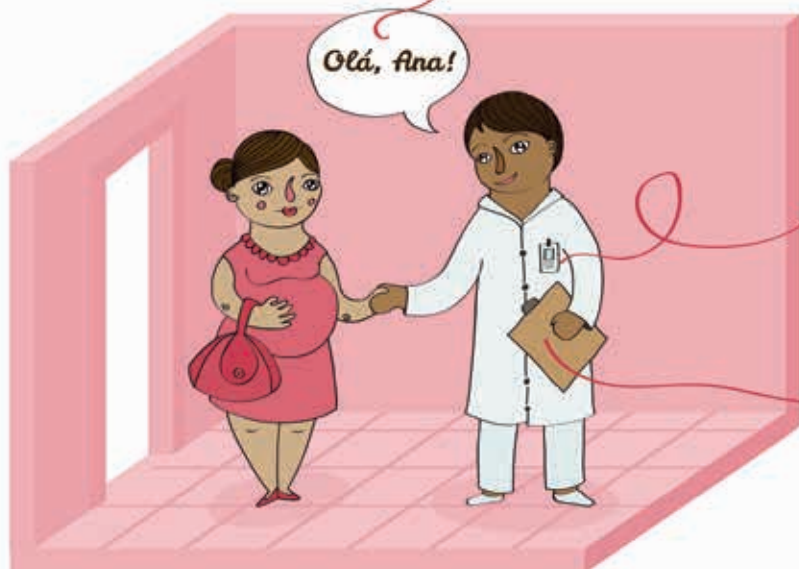
É preciso informação

A maioria das mulheres sofre violências também ao longo de sua gestação, sem sequer perceber que são vítimas. É uma questão de falta de informação. Foi o que aconteceu com Loriani Rafaela Havriluk, de Ponta Grossa, no Paraná. No primeiro parto, há dois anos, ela conta que chegou no hospital em trabalho de parto, mas, sem explicação, foi colocada no centro cirúrgico. *“Até hoje eu não sei por que fizeram cesária”*, conta a mãe, que afirma ter tido uma gravidez normal. Há cinco meses, Loriani voltou ao hospital. Dessa vez, ela havia recebido a visita das líderes da Pastoral da Criança durante a gestação, estava bem informada e acompanhada pela doula Monica Balsano, também voluntária de apoio. *“Dessa vez foi tudo tranquilo”*, relata. A mãe acredita que poder caminhar na sala, tomar banho e utilizar a bola, fez o trabalho de parto evoluir rapidamente. Estar acompanhada por alguém que a apoie também fez a diferença. *“As outras mulheres que estavam*

na sala sendo acompanhadas pelas enfermeiras eram orientadas a ficar deitadas”, lembra Loriani. A expulsão aconteceu com a mãe apoiada em quatro apoios (ajoelhada, e com as mãos ou braços apoiados no chão), e da chegada ao hospital até o momento da expulsão foram pouco mais de duas horas.

Monica é voluntária da Pastoral da Criança há 13 anos. *“Esse ano me torno líder”*, conta com alegria. Ela, junto com a equipe local, promovem palestras para as gestantes compreenderem como será o momento do parto, tirem dúvidas e estarem preparadas – especialmente as de primeira viagem. Além de participar das palestras, ela acompanha de perto algumas mães. As escolhidas geralmente são mulheres que já sofreram violência obstétrica, ou são muito novas e apresentam muitas dúvidas. São os líderes que fazem o acompanhamento às gestantes e indicam as mães que precisam deste apoio.

1 Ser chamada pelo **nome**



Ilustrações: Bruna Corso

2

Conhecer a identidade do **profissional**

3 Ser informada pelos profissionais sobre os **procedimentos** que serão realizados com **ela** e com seu **filho**

Movimentar-se livremente durante as horas que antecedem a saída do bebê deveria ser algo comum para as mães. Mas não é. *“Parto, além de um evento fisiológico, é também psicológico e emocional. Ofertar um ambiente favorável, em que a mãe fique em posição verticalizada, ajuda o bebê a se acomodar no canal do parto e faz com que a própria gravidade ajude na descida dele. Emocionalmente, a liberdade é algo que todo ser humano precisa. Assim, a mulher se torna protagonista do parto que é dela, não do profissional. Isso faz com que o desfecho do parto seja o melhor para todos”*, explica a enfermeira obstétrica, Karen.

Em Ponta Grossa, o direito a ter um acompanhante, que pode ser o pai da criança, por exemplo, nem sempre é respeitado. Isso vai depender de quantas mulheres estão na sala de pré-parto, que é conjunta. *“Não tem como.*

É preciso criar espaços [individuais]”, sugere Monica. A Rede Cegonha tem, em seu projeto, a criação de ambientes individuais, em que o pré-parto, parto e puerpério (PPP) aconteçam no mesmo local, onde a mulher possa estar acompanhada por alguém da sua escolha, além de poder se movimentar com liberdade, escolhendo a posição que se sinta melhor durante o trabalho de parto. Mas, mesmo nas cidades onde a Rede não está, a lei federal 11.108/2005 garante a todas as mulheres o direito de ter um acompanhante de sua escolha durante o PPP.

No estado de São Paulo, desde março de 2015, o parto humanizado virou lei, e os estabelecimentos públicos devem assegurar, além da presença de um acompanhante, direito à anestesia e escolha de métodos de alívio da dor (Lei 15.759/2015).

A pesquisa Nascer no Brasil apontou que a episiotomia acontece em mais de 50% dos partos. Estima-se que esse número chegava a 90% até pouco tempo. A indicação da OMS é que ela seja feita em, no máximo, 10% dos partos. Há mães que sequer são informadas que irão passar por esse tipo de ação. *“Alguns profissionais que estão atuando há mais tempo esquecem os direitos da mulher. Apenas fazem sua função como rotina. Mas acho que as coisas estão mudando”*, descreve a enfermeira da coordenação nacional da Pastoral da Criança, Regina Reinaldin.

Além de saber por quais procedimentos ela e seu filho irão passar, a mulher tem ainda o direito de conhecer a identidade do profissional que irá realizar seu parto. Algo rotineiro, como apresentar-se, infelizmente ainda não é comum nas salas de parto, segundo Regina. *“O médico não diz o nome dele, ele fala um “boa noite” e começa a atender”*. Para a enfermeira, além de um direito, é essencial que o profissional converse com a paciente, fale seu nome, e fale quais procedimentos irá fazer. *“Se ela precisar saber*

mais detalhes depois, ela sabe quem procurar. É simples, mas a maioria não faz”, destaca. Além de conhecer o profissional, a gestante tem o direito de ser chamada pelo seu nome, e não pode ser atormentada com xingamentos ou gritos durante seu trabalho de parto.

O caso mais marcante para doula Monica foi de uma mãe que estava na segunda gestação, mas demonstrava uma ansiedade fora do comum com o que poderia acontecer na hora do parto. E ela tinha motivos: no nascimento do primeiro filho, a médica que a atendia, ao fazer a episiotomia, atendeu o celular e acabou fazendo um corte além do necessário, atingindo o intestino. O erro acabou levando a mãe para uma nova cirurgia e para a UTI. Com todas as complicações, apenas seis meses após o nascimento do filho, ela pôde segurá-lo em seus braços. Com o acompanhamento de Monica, e a participação no grupo de gestantes promovido pela Pastoral da Criança na Diocese de Ponta Grossa, a mãe teve o segundo parto de forma natural, sem episiotomia e outras intervenções. *“O parto dela foi lindo. Nunca vi uma mãe tão feliz depois do parto”*, conta.

4 Estar **acompanhada** durante o trabalho de **pré-parto** e **parto**, por alguém de sua escolha ♡♡

5 **Caminhar** e fazer movimentos **durante** o trabalho de parto



6 Tomar banhos *mornos*

Receber **massagens**
ou outras técnicas
relaxantes

7



8

Receber *líquidos*
e *alimentos*
durante o trabalho de
parto, **sem excessos**

A posição mais comum de nascimento no Brasil é com a mãe deitada de barriga para cima. O que pouca gente sabe é que essa posição foi adotada para facilitar a visualização do médico durante o parto, e não pensando no bem-estar da mãe. Essa posição, apesar de ser a mais praticada, não é indicada pela OMS. O ideal é que a mulher possa se movimentar durante o trabalho de parto, e escolha ela, qual a melhor posição no momento da expulsão do bebê.

Há quem diga que a melhor posição é de cócoras; outras mulheres dizem ser sobre quatro apoios; outras ainda afirmam que seria de lado. O que é importante saber é que cada mulher pode escolher o que melhor se adequa

às suas necessidades na hora do parto, por isso, é ela que deve escolher de que modo irá parir seu filho.

Outro direito, que ainda é pouco frequente, é a mãe pegar o filho logo após o parto. O mais comum é que a criança – tanto no parto normal, como no caso de cesariana – seja colocada ao lado da mãe para que ela a conheça, e logo em seguida seja retirada para limpeza e aspiração. O indicado é que o bebê vá ao colo da mãe logo após seu nascimento, sinta seu cheiro, seu carinho e mame ainda na primeira hora de vida. Isso, além de favorecer a expulsão da placenta, fortalece o vínculo entre a mãe e o bebê.

Quantos casos você conhece de mulheres que ficaram por 10, 15 horas em trabalho de parto, e não puderam alimentar-se, nem tomar nenhum líquido? Ou então, mulheres que, chegando ao hospital, foram colocadas em macas e não puderam se levantar até o fim do parto? Situações como estas são facilmente encontradas em qualquer município do Brasil. Infelizmente, apesar da tentativa de várias instituições e projetos de trazer uma perspectiva mais humanitária, essa não é a realidade de todos os hospitais e maternidades.

O que poucas mulheres sabem é que é direito seu, além de se alimentar sem excessos, contar com o carinho de seu acompanhante – seja o pai da criança, a avó, uma amiga ou outra pessoa de sua escolha – para relaxar e ficar mais tranquila, recebendo massagens, por exemplo, além de tomar banhos mornos. O Ministério da Saúde e Organização Mundial de Saúde, nos casos de parto e gravidez sem risco, incentivam a adoção de métodos não farmacológicos, como os citados acima, além de ambiente com pouca luz, e exercícios respiratórios.

9 Adotar a *posição* que desejar na hora da **expulsão**

10
Receber o **recém-nascido** na hora de **amamentar**, imediatamente após o **parto**



Um caminho possível

A situação da gestação e do parto não é muito animadora no Brasil. Mas isso não impede que milhares de mulheres todos os dias sonhem com o momento de ter seus filhos nos braços. O caminho para a mudança é apenas um: informação. Todas as mulheres – mães, futuras mães e mesmo aquelas que não engravidarão –, e também os pais, precisam conhecer os direitos que rodeiam a gestação. Esse empoderamento sobre o nascer é essencial em todo o mundo. A mudança só acontece quando a maioria sabe o que é direito e passa a exigí-lo de forma igual para todos. Para quem duvida disso, basta olhar o caso da doula Monica. Ela sofreu complicações em todos seus partos e também para amamentar. Confrontada com casos de

violência obstétrica, resolveu fazer algo. Tornou-se doula para dar conforto emocional a mulheres no momento do parto. O que foi dor e sofrimento transformou-se em motivação.

A Pastoral da Criança tem feito a sua parte ao buscar informar seus líderes, para que esses possam orientar as mães. O governo vem tentando modificar o olhar sobre o nascer através da Rede Cegonha, e outras ações que acontecem nos municípios pelo Brasil. Alguns profissionais de saúde estão se abrindo a uma atitude mais humana, como mostra a enfermeira Karen. Esse movimento pode ser o início pela mudança de um novo mundo, mais humano, aquele que cita o obstetra francês no início da reportagem.

Cesárea: só quando for necessário

Em Corumbá, Mato Grosso do Sul, a gestante Franciele foi avisada pelo médico que teria seu primeiro filho através de uma cesariana, apesar da gestação estar evoluindo normalmente. Como ela estava sendo acompanhada desde o início da gravidez por líderes da Pastoral da Criança, ela já havia recebido algumas cartelas do Laços de Amor e orientações sobre o momento do parto. *“Eu havia passado as informações sobre o bebê e as contrações do parto, para ela não ter medo, ter muita confiança em si mesma, no potencial de ser mãe, colaborasse e acompanhasse a cada contração, conforme o necessário”*, relata a voluntária Nides Marcon.

No momento do parto, o médico estava em outra cesariana e acabou demorando. Nides conta que momentos após o nascimento da criança, recebeu uma ligação da mãe que disse: *“Lembrei das informações que recebi da Pastoral da Criança. Fiz certinho como você me ensinou e tive o parto normal”*. Para a líder, que também é coordenadora diocesana, momentos como



Foto: Arquivo pessoal

Franciele e a bebê Fabiele

este são gratificantes: *“Fiquei muito feliz, ela me avisou no mesmo dia do parto e estava muito satisfeita por ter sido protagonista do nascimento de sua primeira filha”*. O momento do parto foi tão marcante que Franciele já decidiu que terá mais um filho por parto normal e resolveu passar a outras gestantes a sua experiência. Para isso, está fazendo a capacitação do Guia do Líder. *“Ela diz que quer ser líder para ajudar as mães gestantes a terem seus filhos de parto normal”*.

Procedimentos realizados de forma rotineira nos partos, que devem ser evitados, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde:

Tricotomia: é a raspagem dos pelos da região íntima. É considerada desnecessária, pois as fissuras provocadas na pele pela raspagem aumentam a chance de infecção.

Episiotomia: corte no períneo - região entre a vagina e o ânus - feito com a intenção de facilitar a saída do bebê. Deve ser feito somente em caso de real necessidade, como rigidez no períneo; quando o bebê está sentado; quando há sofrimento fetal e excesso de peso do bebê; e em partos de crianças prematuras, que não possuem a cabeça totalmente formada.

Enema: é a lavagem intestinal. É uma técnica antiga e desnecessária, já que a maioria das mulheres não evacua durante o parto. Por não trazer benefícios para o trabalho de parto, não deve ser feita.

Proibição de alimentar-se durante o trabalho de parto: a OMS afirma que “o trabalho de parto requer enormes quantidades de energia. Como não se pode prever a sua duração, é preciso repor as fontes de energia, a fim de garantir o bem-estar fetal e materno”. Se a gestante tem um bom desenvolvimento de trabalho de parto, com pouca chance de precisar de anestesia geral, é permitida a ingestão de alimentos leves.

Manobra de Kristeller: quando um profissional de saúde empurra a barriga da mãe para acelerar a descida do bebê. “A manobra é perigosa pois pode causar lesões graves para a mãe, como fratura de costelas e descolamento da placenta, e o bebê pode sofrer traumas no crânio”, conta Regina. Por ser uma manobra perigosa para o útero e sem comprovação de utilidade, deve ser evitada.

Soro com ocitocina: utilizado para acelerar o trabalho de parto. A ocitocina é produzida naturalmente pelo corpo da mulher. Esse hormônio, quando colocado no soro, é artificial, e se utilizado sem necessidade, além de dor para a mulher, traz riscos desnecessários.

Posição da mulher deitada de barriga para cima: segundo estudiosos, é a posição mais desconfortável, aumentando a intensidade da dor e exigindo mais força da mulher; além de prejudicar o fluxo de sangue e oxigênio para o bebê. ■

Que tal?

Líder, na visita domiciliar feita às gestantes, você pode ler as informações das páginas 24 e 25 da Cademeta da Gestante. Isso vai ajudá-la a compreender o momento pós-parto.



Veja mais, inclusive pelo celular, através dos links:

www.pastoraldacrianca.org.br/conductaspartonormal ou
www.pastoraldacrianca.org.br/redecegonha

■ Espaço das Comunidades

Confira as notícias completas destas e de mais cidades no Espaço das Comunidades na internet, pelo link: ec.pastoraldacrianca.org.br. E mande também as histórias de sua região para o e-mail: revista@pastoraldacrianca.org.br, incluindo o nome da comunidade, paróquia, cidade, estado e detalhes da atividade realizada.



Assembleia Anual da Pastoral da Criança na Prelazia do Xingu, no Pará. Além de avaliação e planejamento, o momento foi aproveitado para trabalhar sobre correção de FABS, AFL, AFM e estudar novidades do Guia do Líder.



Na Paróquia Imaculado Coração de Maria, em São Miguel do Tocantins (TO), foi realizada uma festa para todas as crianças e gestantes cadastradas na Pastoral da Criança, com a presença do padre e de todas as líderes.



Junto com outras organizações, a Pastoral da Criança de Goiás participou do Seminário "Primeira Infância Livre de Violência", que aconteceu em Goiânia. O evento também contou com uma homenagem especial à Dra. Zilda Arns.



Capacitação de novos líderes da Paróquia São João Batista, na cidade de Paranhos, da Diocese de Naviraí, no Mato Grosso do Sul.



Os 30 anos da Pastoral da Criança em Sergipe foram celebrados com romaria em Lagarto, da 1ª comunidade cadastrada (Piçarreira) até a matriz de Santa Luzia. Ir. Vera Lúcia, Dom Giovanni, Dom Mário, Dom João, padres e a comunidade participaram.



A Diocese de Caxias do Sul (RS) também celebrou 30 anos de Pastoral da Criança onde tudo começou, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Teve fala da Ir. Vera Lúcia sobre motivação, missa com Dom Alessandro e dez padres, entre outras dinâmicas.



A comunidade celebrou as três décadas de Pastoral da Criança na Diocese de Palmas-Francisco Beltrão no centro de eventos Marabá, em Francisco Beltrão. Teve a participação dos líderes, coordenadoras e da Ir. Vera Lúcia, da coordenação nacional.



A Pastoral da Criança da Paróquia Nossa Senhora da Vitória, comunidade Parque Mão Santa, de Teresina (PI), em parceria com estudantes do curso de Nutrição, realizou palestra para as famílias acompanhadas, com o tema: "Alimentação saudável para gestante e bebê".



Os líderes da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, no município de Colares, do Pará, participaram das comemorações dos 30 anos da Pastoral da Criança no estado!



Caminhada, almoço comunitário, dois bolos e brincadeiras fizeram parte da festa dos 27 anos da Paróquia São Miguel Arcaño e dos 25 anos de atuação da Pastoral da Criança no município de São Miguel do Guaporé, da Diocese de Guajará-Mirim, em Rondônia.



Encontro de Líderes do Setor Ipiranga, na capital São Paulo, com o tema "Convivendo em paz e amor comigo mesmo e com o outro". Teve dança, vídeos sobre trabalho em equipe, início de uma gincana para aumentar o acompanhamento de gestantes e brincadeiras.

Lembrança

Nossa homenagem a quem cumpriu sua missão e agora vive na glória de Deus!

Jane Bitencourt Neto, que foi coordenadora de ramo, setor e área em Florianópolis, Santa Catarina.



Museu da Vida celebra seu primeiro ano

O Museu da Vida já completou um ano de atividades! Desde a sua inauguração oficial, todas as exposições foram aperfeiçoadas e peças de diferentes estados ganharam destaque na Galeria da Vida. De dezembro de 2014 até dezembro de 2015, mais de 20 mil visitantes puderam conhecer melhor o trabalho da Pastoral da Criança através do Museu (cerca de 7 mil apenas no final de semana da Celebração Dra. Zilda, em janeiro de 2015). Este número anual também inclui alunos de escolas públicas e privadas e 801 pessoas de 19 comunidades de Curitiba e Região Metropolitana, que aproveitaram o espaço para realizar Celebrações da Vida.



Espaço das Comunidades



Dia Mundial de Oração e Ação Pela criança

Rede Global de Religiões pelas Crianças

Dia de Oração e Ação pela Criança

O Dia Mundial de Oração e Ação pela Criança é uma iniciativa da Rede Global de Religiões pela Criança (GNRC), que envolve diversos movimentos e organizações – incluindo a Pastoral da Criança, que sempre participa de eventos para envolver as comunidades em várias regiões do país. A ideia é que estes momentos de contato com as famílias possam estimular mais reflexões e ações para melhorar a qualidade de vida das crianças e buscar soluções para os desafios que ainda existem. Confira algumas imagens das atividades de 2015, para inspirar a programação deste ano! Tem muitas outras fotos em um álbum na página da Pastoral da Criança no Facebook.



Brasília (DF)

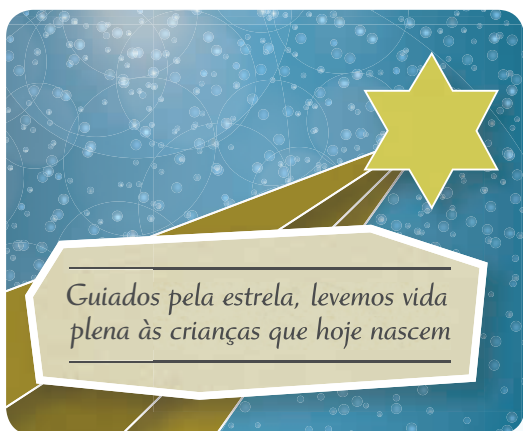
Porto Alegre (RS)

Guaíba (RS)

Gravataí (RS)

São Sebastião do Rio Verde (MG)

Esteio (RS)



Pequenos Reis Magos

No fim do ano, a Pastoral da Criança se inspirou no exemplo dos Três Reis Magos para despertar uma reflexão e uma ação diferente, trazendo para o Brasil uma campanha que começou há 160 anos na Alemanha, mobilizando crianças da catequese em suas comunidades em prol de outras crianças que estão em situação de pobreza. O recurso arrecadado no Brasil, nesta primeira experiência, foi destinado às atividades da Pastoral da Criança em Guiné-Bissau, um dos países mais pobres do mundo. Confira as paróquias que participaram do teste da ação, para que em 2016 possa acontecer em mais locais.



Paróquia Bom Pastor - Curitiba (PR)

Paróquia do Senhor Bom Jesus - Campo Largo (PR)

Paróquia São Sebastião da Rondinha - Campo Largo (PR)

Paróquia São João Batista - Bayeux (PB)



Saiba mais sobre esta campanha, realizada com o apoio de catequistas, padres, crianças e suas famílias: www.pci.org.br/pequenosreismagos

RRA: caminho para uma comunidade bem-sucedida



Foto: Ariene Rodrigues | Cruzeiro do Norte - PE

Saber o que está acontecendo com as famílias acompanhadas de toda a comunidade. Conhecer os problemas e dificuldades de outros líderes, e poder ajudar nas soluções. Aprender com a experiência de outros voluntários e celebrar as conquistas do grupo. Estes são apenas alguns dos itens que uma Reunião

para Reflexão e Avaliação (RRA) pode ajudar a esclarecer. Aproveite as orientações destas páginas para que este momento seja ainda mais especial e proveitoso. A RRA é muito importante, faz parte do tripé de atividades dos líderes da Pastoral da Criança, que fica completo com a Visita Domiciliar e a Celebração da Vida.

Experiência em comunidade

As RRAs devem acontecer na comunidade, reunindo líderes para discutir, compreender e sugerir resoluções para as dificuldades e também ver o que está dando certo. *“É um momento de formação coletiva, mas principalmente de avaliar e celebrar a caminhada da comunidade”*, lembra Regina Reinaldin, da equipe técnica da coordenação nacional da Pastoral da Criança.

Por isso é importante utilizar os instrumentos - Mapa, conhecido como Fabão, Folha de Registro das Ações da Comunidade, além da FABS - para uma reunião completa. São eles que irão orientar como está o andamento das ações e indicar onde devem acontecer intervenções, além de sinalizar se elas foram ou não resolvidas ao longo do tempo.

Atividades do líder

Para Lucimar Herculano, líder na Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima e Santo Antônio de Lisboa, em Jacarepaguá, estado do Rio de Janeiro, a RRA é muito importante para criar um ambiente de unidade entre o grupo de voluntários. *“É um dia somente para nós, líderes e coordenadores de comunidade, para reflexão do nosso trabalho”*, relata. Para que as atividades rendam ainda mais, a líder conta que as quatro comunidades da paróquia se reúnem em um mesmo espaço e fazem reuniões separadas, mas ao mesmo tempo. *“Isso é bom porque, como as comunidades são muito próximas, ajudamos uma às outras”*, conta.

Mas para que o resultado da reunião seja positivo, é preciso planejar. As RRAs devem acontecer em local e data pensados para isso, sempre nos primeiros dez dias de cada mês, conforme indica

o Guia do Líder. *“Esse é um momento de parar, avaliar e ver que ações são possíveis”*, aponta Regina. Lucimar conta que, como a maior parte das líderes trabalham, quando elas se reúnem, há um horário estipulado para realizar cada atividade.

Outra ideia é dividir grupos de trabalho entre a equipe: para oração inicial e final, por exemplo. Se for feita dessa maneira, os frutos tendem a ser positivos. *“Falamos das visitas, frequência, Fabão do mês, os pontos vermelhos e verdes... É muito bom mesmo, graças a Deus”*, descreve Lucimar. A líder conta que a participação de todos os líderes na atividade, gera uma integração maior do grupo. *“Nós somos muito unidos. Um tempo atrás, uma das líderes teve que fazer uma cirurgia, outro líder cobriu ela enquanto ela não podia realizar as visitas”*, diz.

DICA 01

Todos os líderes devem participar da RRA, já que são eles que conhecem de perto a situação de cada família, mas todos os voluntários - apoio, brincadista, brincadores, articuladores de saúde - podem participar deste momento.

Monte uma agenda das reuniões antecipadamente. Assim, todos têm tempo suficiente para se programar, e a equipe responsável, de preparar a reunião de maneira adequada.

DICA 02

DICA 03

Esse é um passo para envolver todos de forma mais organizada. Faça uma escala prévia da função de cada um na reunião anterior.

Organizando para dar certo

Em 2010, quando assumiu a coordenação da Pastoral da Criança na Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em Fortaleza, Ceará, Francisca Lúcia Bernardes Vieira percebeu que a RRA poderia render resultados melhores do que apresentava até então. *“Percebi que a participação dos líderes era pequena”*, lembra.

O primeiro passo foi aproveitar o que estava dando certo e adaptar para o que ela precisava. Foi da teoria à prática: organizou um calendário com todas as reuniões – que passaram a acontecer nas primeiras terças-feiras do mês, com **rodízio entre as comunidades** que receberiam os líderes.

O resultado foi um crescimento de voluntários participando ativamente das RRAs. *“Todos gostam muito de participar. A frequência é muito boa, é uma média de 20 líderes atualmente”*,

destaca Francisca. Para a coordenadora, o que deu certo foi esse encontro de diferentes comunidades. *“Seguimos a orientação de pauta da Pastoral da Criança, mas, com certeza, o que melhorou a participação foi a integração das comunidades”*.

A integração se deu principalmente através da troca de experiências, na opinião de Francisca. O importante é ter em mente que a Reunião para Reflexão e Avaliação vai muito além do preenchimento de FABS. Mostrar as dificuldades e os sucessos obtidos em cada lugar pode ser um caminho para despertar outros olhares e animar os voluntários. Para ela, **essa troca entre pares fortalece a atividade**. *“Esse momento é importante para que o trabalho e a missão sejam plenos”*, destaca.

Reconhecimento

A experiência fortalezense deu tão certo que a coordenação estadual solicitou que Francisca fosse a responsável pela oficina de RRA, durante a Assembleia Estadual do Ceará, realizada no mês de novembro de 2015. *“A sensação que eu tenho*

é de dever cumprido”, afirma a coordenadora. Ela conta que fica feliz por poder compartilhar com outras comunidades o exemplo positivo. *“Cada comunidade faz as adequações necessárias a partir de sua realidade”*. ■

DICA 04

O indicado é que a RRA aconteça sempre em comunidade, mas como no exemplo o número de líderes não é tão grande, é possível fazer a RRA em nível paroquial. Essa é uma indicação feita nas capacitações. *“Quando as comunidades são pequenas, é possível fazer juntas”*, lembra Regina.

Ao trocar informações do que está acontecendo, fica mais fácil perceber onde estão as dificuldades de cada comunidade, além de descobrir caminhos para solucionar os problemas. Em Fortaleza, os líderes estavam encontrando muitos casos de crianças sem vacina. Após a RRA, ficou acordado que uma líder buscaria a coordenação do posto de saúde para descobrir o que estava acontecendo. Descobriu-se, a partir disso, que a falta estava acontecendo em todo o estado, e que em determinado prazo, isso voltaria à normalidade. Segundo Francisca, no fim de 2015, a situação estava voltando ao normal, mas as líderes continuavam atentas ao fato.

DICA 05

Comida de verdade, no campo e na cidade



Foto: Freepik.com / Stockvault

Ao perguntar qual é o prato preferido de uma pessoa, é muito comum que a resposta venha cheia de lembranças de infância, receita de família, algo típico de um lugar em que se viveu ou para o qual se fez uma viagem marcante. A culinária não tem apenas a função de alimentar o corpo. Também alimenta emoções e momentos de convívio. Por isso, a prática de cozinhar em casa e os hábitos alimentares da família são tão importantes para as crianças, ajudando a formar a relação delas com uma alimentação saudável (ou não) desde cedo.

“Antigamente, as pessoas tinham uma relação natural com o meio ambiente. A maioria vivia no campo, conhecia plantas venenosas, criava pequenos animais e plantava frutas, verduras, arroz, feijão, milho e mandioca, sem

agrotóxicos. O contato com os alimentos permitia o seu melhor aproveitamento e as informações passavam de geração em geração”, relata Aldenôra Silva, coordenadora estadual da Paraíba e uma das responsáveis pela ação de Alimentação e Hortas Caseiras da Pastoral da Criança.

Quando se compra uma comida pronta para o consumo, ou ultraprocessada (que preserva pouco do alimento natural e leva muitas substâncias industriais), fica muito mais difícil conhecer os ingredientes e o modo de preparo utilizado. Por isso, há quem diga que nem é “comida de verdade”.

Em novembro, Brasília (DF) foi a sede da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, que teve como lema “Comida de



verdade no campo e na cidade, por direitos e soberania alimentar". Durante o evento, os participantes aprovaram um manifesto por escrito, com a seguinte explicação: "Comida de verdade começa com o aleitamento materno. (...) É produzida por meio do manejo adequado dos recursos naturais,

levando em consideração os princípios da sustentabilidade, os conhecimentos tradicionais e suas especificidades regionais, livre de agrotóxicos, transgênicos, fertilizantes e de todos os tipos de contaminantes". Em poucas palavras, seria uma comida mais natural e saudável.

Decreto que protege o aleitamento materno

Na abertura da Conferência, a presidente Dilma Rousseff firmou o Pacto Nacional pela Alimentação Saudável, cujo objetivo é promover o esclarecimento da população sobre a importância de hábitos alimentares saudáveis, com atuação no ambiente escolar, no sistema de saúde e nos equipamentos públicos de alimentação. *"Entre as ações estão a disponibilização e o acesso a alimentos adequados e saudáveis, além de Vigilância Alimentar e Nutricional e das práticas de atividade física da população",* conta Vânia Lúcia Leite, assessoria nacional da Pastoral da Criança, que estava presente no evento.

Outro ponto importante da participação da presidente foi a assinatura do Decreto nº 8.552. *"O Decreto vem regulamentar a Lei nº 11.265, de janeiro de 2006, sobre a comercialização de alimentos para lactentes e crianças de primeira infância e também a de produtos de puericultura correlatos (como bicos, chupetas e mamadeiras), de forma que não haja interferência na prática do aleitamento materno e da alimentação*

complementar saudável. Desde a publicação da Lei, aguardava-se sua regulamentação, que vem definir critérios de fiscalização pelos órgãos competentes", explica nota do Ministério da Saúde.

Fica proibido qualquer tipo de propaganda de produtos como: fórmulas de nutrientes apresentadas ou indicadas para recém-nascidos de alto risco; fórmulas infantis (leite de lata) para lactentes; mamadeiras, bicos e chupetas. Isso inclui publicidade e rotulagem, descontos, brindes, vendas vinculadas a outros produtos, exposições especiais, entre outras ações.

A nutricionista da coordenação nacional, Marcia Moscatelli de Almeida, também destaca a importância da informação correta e de se evitar propagandas que possam confundir os pais. *"Apesar de todas as propagandas feitas em relação aos leites industrializados, fórmulas, papinhas e toda sorte de produtos destinados à alimentação infantil, nenhum substituto é tão bom quanto o leite materno",* explica.

Lactente é a criança que ainda mama.



Para cuidar, de verdade, da comida e da saúde

Confira outro tema que foi destaque na 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional:



Divulgação: www.planalto.gov.br/consea

Desperdício de alimentos

No Brasil, ao mesmo tempo em que existem dificuldades econômicas que impossibilitam boa parte da população de adquirir alimentos adequados para o consumo, existe um grande desperdício, desde produtores, restaurantes, escolas e inclusive, dentro de nossas casas. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), 1,3 bilhão de toneladas de alimentos são perdidas por ano em todo mundo, fazendo o desperdício ser ainda uma das principais causas da fome. *“O crescimento da população mundial, mesmo que amparado pelos rápidos avanços tecnológicos, nos faz crer que o desperdício de alimentos é uma atitude injustificável”*, afirma Aldenôra. Ela acredita que a Pastoral da Criança faz um papel importante junto às famílias acompanhadas, mostrando a importância da alimentação saudável para a qualidade de vida, assim como o não desperdício de alimentos.

Aqui estão algumas **dicas para melhor aproveitar os alimentos e seus nutrientes***:

- Alguns legumes podem ser preparados com casca (chuchu, cenoura, pepino, abobrinha), desde que sejam bem lavados ou consumidos cozidos.
- As folhas de algumas hortaliças (como as de cenoura, couve-flor, beterraba, brócolis) e talos (de agrião, espinafre e couve) podem ser usados em sopas, no feijão ou no arroz, bolinhos, farofas, tortas salgadas e refogados na carne moída.
- Consumir os legumes, se possível, crus. Quando cozinhar, utilizar pouca água e não deixar muito tempo no fogo. Melhor ainda é cozinhá-los no vapor.
- As frutas também, sempre que possível, comer com a casca após serem bem lavadas. A casca contém muitas vitaminas e fibras.



Ilustração: Freepik.com

*Fonte: Livro "Alimentação Saudável e Sustentabilidade Ambiental nas Escolas do Paraná", de Iniberto Hamerschmidt e Stela de Oliveira, Curitiba: Instituto Emater, 2014.



A promoção do **aproveitamento integral dos alimentos** vem ao encontro da necessidade de evitar o desperdício, motivando o uso das partes dos alimentos que muitas vezes são jogadas fora, como talos, folhas e cascas. *“Essas partes também contribuem para aumentar as quantidades de fibras, vitaminas e minerais essenciais para o bom funcionamento do nosso organismo. De nada adianta ter vários alimentos saudáveis, se não souber prepará-los e aproveitá-los por completo”*, defende Marcia. Por isso, a receita desta edição leva isso em consideração.

Cuscuz de forno com legumes*

Ingredientes

- 4 xícaras de farinha de milho - se possível, farinha de milho crioulo
- 1 xícara de talos picados de brócolis, espinafre, beterraba ou couve
- 1 xícara de cenoura ou moranga ralada
- 1 xícara de tubérculo ralado (para deixar a massa bem macia): batata cará, inhame ou aipim
- ¾ de xícara de óleo vegetal não transgênico
- 1 ovo cozido (opcional)
- Sal a gosto
- Temperos a gosto: cúrcuma (açafraão da terra), salsinha, cebolinha, manjeriço. Também é possível acrescentar linhaça, gergelim ou chia.

Modo de preparo

Misture os legumes e tubérculos ralados com os temperos, sal e óleo. Junte a farinha de milho e vá acrescentando água bem quente, até obter uma consistência bem pastosa (grossa). Unte uma forma com óleo. Se quiser, corte um ovo cozido em rodela e coloque com cuidado na forma já untada. Em seguida, espalhe a massa e aperte bem, para ficar compacta. Desenforme morno. Você pode polvilhar um pouco de manjerona, gergelim ou linhaça por cima.

*Receita adaptada de um folheto da Ong Ação Nascente Maquiné (Anama) - www.onganama.org.br

Que tal?

O milho é um alimento rico em vitaminas A e do complexo B. Possui cálcio, ferro, fósforo, amido, gordura e proteínas. Há centenas de espécies de milho que se adaptam a diferentes regiões, sem necessidade de agrotóxicos e sementes transgênicas. Que tal escolher a farinha do milho crioulo (isto é, de origem natural, não transgênico) para as suas preparações culinárias? Isso contribui para o resgate e valorização das sementes crioulas como patrimônio da humanidade. ■



Saiba mais sobre a 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, no link: www.pastoraldacrianca.org.br/comida-de-verdade



A criança e as novas tecnologias



Foto: Arquivo da Pastoral da Criança

Ir. Veroni Medeiros

Assistente técnica da área de desenvolvimento infantil na coordenação nacional da Pastoral da Criança

O uso da internet atravessou fronteiras, penetrou nos diferentes meios sociais, diminuiu barreiras culturais e avançou muito rápido, modelando mudanças significativas no século XXI. Diferentes informações são disponibilizadas apenas com um clique, para que as pessoas tenham acesso livre e rápido. Lembramos a influência dos computadores, *tablets*, *smartphones* e tantos outros que estão à disposição das crianças e dos adolescentes, e enfatizamos os supostos benefícios que

Entretanto, com tantos avanços, muitas crianças ocupam seu tempo livre fechadas no quarto, atrás de uma tela de computador. O uso contínuo do celular e da internet vai transformando atitudes e as formas de relacionamento familiar, tomando a comunicação olhando nos olhos cada vez mais distante. Assim, a convivência com o meio virtual, precoce e em excesso, pode confundir os limites do cotidiano das crianças com a realidade em que vivem.

Por isso, os adultos precisam dar o exemplo e orientar, para que não haja prejuízo à infância – como queda no rendimento escolar, hábitos sedentários, deficiência no sono e resistência para sair e dialogar com a família. Estes são alguns sinais de alerta e riscos para o desenvolvimento das crianças. É importante que os líderes da Pastoral da Criança, ao se deparar com essas situações durante as visitas, orientem as famílias e ajudem as crianças a utilizar as novas tecnologias, sem perder o interesse pelo brincar livremente.

O ponto de partida deve ser o cuidado na orientação equilibrada e segura. É preciso que a família faça o acompanhamento e estabeleça critérios para usar as novas tecnologias, sem prejuízo para as crianças. Neste sentido, a convivência familiar é fundamental. Juntos, podemos recuperar a arte das brincadeiras livres, pois o brincar é uma necessidade para o desenvolvimento infantil. ■



Foto: Freepik.com / Viktor Hanacek

os aparelhos tecnológicos são capazes de proporcionar. As novas tecnologias apresentam muitas possibilidades inovadoras, criativas, permitindo viajar e ampliar o conhecimento sem sair de casa. Do ponto de vista da aprendizagem, incluem conceitos que, muitas vezes, nem poderiam ser ensinados sem elas.



No site da Pastoral da Criança, você pode acessar mais conteúdos sobre desenvolvimento infantil: www.pastoraldacrianca.org.br/desenvolvimento-infantil

Tema do programa Viva a Vida:

Sugere-se que as rádios veiculem entre:



| | |
|--|------------------|
| Sífilis (1270) | 01/fev e 07/fev |
| CFE 2016 - Saneamento Básico (1271) | 08/fev e 14/fev |
| Importância da família (1272) | 15/fev e 21/fev |
| Abandono ou superproteção da criança (1273) | 22/fev e 28/fev |
| Alimentação da gestante (1274) | 29/fev e 06/mar |
| Dia da Mulher - O poder da escolha (1275) | 07/mar e 13/mar |
| Consequências da cesariana (1276) | 14/mar e 20/dez |
| Páscoa (1277) | 21/mar e 27/mar |
| Autismo e aleitamento materno (1278) | 28/mar e 03/abr |
| Criança: prioridade absoluta (1279) | 04/abr e 10/abr |
| Dormir de barriga para cima é mais seguro (1280) | 11/abr e 17/abr |
| Pastoral da Criança e populações em situação de vulnerabilidade (1281) | 18/abr e 24/abr |
| Criança e novas tecnologias (1282) | 25/abr e 01/maio |

Líder, o programa de rádio "Viva a Vida" é mais um meio que pode contribuir com a sua formação contínua. Além da veiculação pelas rádios parceiras, também pode ser aproveitado nos momentos de encontro com as famílias, nas Reuniões para Reflexão e Avaliação e demais atividades da Pastoral da Criança.



Os arquivos dos programas estão disponíveis para quem quiser ouvir, através do site:

www.pastoraldacrianca.org.br/radio

Para obter mais informações ou indicar outras rádios que possam transmitir o programa, entre em contato pelo e-mail midias@pastoraldacrianca.org.br. Sugestões de temas e comentários sobre o conteúdo também são bem-vindos!

Contatos



Acesse o site da Pastoral da Criança:
www.pastoraldacrianca.org.br



E-mail: revista@pastoraldacrianca.org.br
Telefone: (41) 2105-0216
WhatsApp: (41) 9237-8570



Coordenação Nacional da Pastoral da Criança
Rua Jacarezinho, 1691 - Bairro Mercês
CEP: 80810-900 - Curitiba / Paraná



Curta as páginas da Pastoral da Criança e do Museu da Vida:
www.facebook.com/pastoraldacrianca
www.facebook.com/museudavidacuritiba



Vídeos educativos, mensagens especiais e reportagens:
www.pastoraldacrianca.org.br/youtube



Siga a Pastoral da Criança:
[@Pastdacrianca](https://twitter.com/Pastdacrianca)
www.twitter.com/pastdacrianca

Dormir de barriga para cima é mais seguro!

Quem segue as novidades da página da Pastoral da Criança no Facebook já conhece o quadro **#BebêPastoral**. Nesta edição, as fotos dos bebês das comunidades acompanhadas vieram iluminar também a revista, para lembrar a todos qual a posição mais segura para o bebê dormir.

Fotos: Arquivo da Pastoral da Criança



#BebêPastoral

Que todos os bebês possam crescer com saúde e amor, garantindo vida plena!

Mais informações no site: www.pastoraldacrianca.org.br